

# Coisas do Gênero

REVISTA DE ESTUDOS FEMINISTAS EM TEOLOGIA E RELIGIÃO



Coisas do Gênero é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons

## Análise da Sexualidade no *Pornoterrorismo*: “Seu cu é libertário”<sup>1</sup>

Analysis of Sexuality in Ponoterrorism: “Your ass is libertarian”

Hariagi Borba Nunes\*

**Resumo:** Este trabalho tem a premissa de analisar a sexualidade dos movimentos de performance corporal e político espanhóis chamados “Pornoterrorismo”. Investigar o discurso produzido sobre sexualidade, corpo e sexo através de publicações midiáticas pornoterroristas, como: entrevistas, blogs, livros, manifestos. Conversando o chamado “corpo terrorista” com discursões teóricas pós-estruturalistas sobre a sexualidade, como Foucault, Butler e Okin.

**Palavras-chave:** pornoterrorismo, sexualidades terroristas, pós-pornografia, gênero e sexualidade.

**Abstract:** This work has the premise of analasing the sexuality of the political body performance known as “Pornoterrorismo”. Investigate the produced speech about sexuality, body and sex through the midiadic pornoterrorist publications, such as: interviews, blogs, books, manifests. Dialoging with the só called “terrorist body” with post-estruturalist theoretical discussions about sexuality, such as Foucault, Butler and Okin

**Key- Words:** pornoterrorism, terrorist sexualities, post-pornography, gender and sexuality

### Introdução

O pornoterrorismo é um conceito usado para “não conceituar”. Suas ações terroristas não se definem, muito menos se delimitam, a única regra é o uso livre do corpo. Pensando na afirmação acima, logo me vem à cabeça que este é um texto rigorosamente acadêmico no qual

<sup>1</sup> Monografia realizada na disciplina de Gênero e Sexualidade do departamento de Antropologia da UFRGS, 2014.

<sup>2</sup> \*Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalha com pós-pornografia e pornoterrorismo. Trabalho de conclusão de curso: NUNES, Borba Hariagi. “O Corpo Histórico: meu dildo goza terrorismo.” Pós-Pornografia e Pornoterrorismo na Contemporaneidade – uma analítica de ruptura. [Monografia apresentada para o curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149539/001005672.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jul. 2017.



tenho que objetivar minhas percepções e análises, porém, quando escolhi o tema abordado neste discurso legitimador, absorvi que o pornoterrorismo não nasce para ser estudado, mas sim para ser praticado. Ação direta, masturbação pública, penetração anal com dildos gigantes (em homens e mulheres) sadomasoquismo, entre outras. Práticas desviantes acompanhadas de muita poesia libertária, música de péssima qualidade e uma dosagem extrema de raiva acumulada. “Porque o pornoterrorismo é algo que late, que pinga: um impulso composto pelo desejo e pela imaginação, um ‘atentado’ contra as convenções, um ato ‘terrorista’ contra as normas.”<sup>3</sup>

Este “código”, como frisa o Manifesto das Ludditas Sexuais<sup>4</sup>, ganha forma e mais adeptos com o livro intitulado “Pornoterrorismo”, da artista e escritora Diana Torres<sup>5</sup>. A obra foi escrita a partir das vivências da mesma na prática do pornoterrorismo, como especifica no vídeo encontrado facilmente no Youtube – “Presentación del libro “Pornoterrorismo” por Diana Torres – dividido em duas partes. Diana nos conta que as práticas sexuais do seu corpo nunca foram “tabu” no espaço doméstico onde cresceu: “Meu pai praticava o sexo anal e incentivava seus amigos a experimentarem.”<sup>6</sup> Para Diana, seu enfrentamento com o sistema de divisão de gênero surgiu quando ela saiu do lar e encarou a realidade das ruas, instituições, relações sociais, etc. Este choque de mundos fez com que Diana questionasse a forma com que nos relacionamos com nosso corpo e quais interferências na nossa subjetividade nos faz reprimidxs<sup>7</sup>, como ela mesma diz: “A coisa mais reprimida que existe é a sexualidade humana.”<sup>8</sup> Em busca de responder os questionamentos internos, a autora iniciou sua “vingança” contra a heteronormatividade, fazendo ações de cunho artístico, exibicionista, terrorista e usando seu corpo como ferramenta primária da máquina pornoterrorista que “é uma implosão de prazer e dor, arte e política, insulto e ação, preguiça e violento despertar.”<sup>9</sup>

Muito além de Diana ter expandido para o mundo esta prática de uso terrorista do corpo, esta é uma ação livre de dogmas, regras e autoria. Todos nós podemos ser pornoterrorista: “O pornoterrorismo é livre, político e se entrega gratuitamente. Ele não tem líderes, nem subcomandantes, nem quadros e muito menos autoridades.”<sup>10</sup>. Vindos de uma vertente libertária –

<sup>3</sup> XPLASTIC. Diana J. Torres. Publicado em: 05 out. 2013. Disponível em: <<http://xplastic.xpg.uol.com.br/diana-j-torres/>>. Acesso em: 30 out. 2014.

<sup>4</sup> LUDDITAS Sexuais. *Manifesto PornoTerrorista Luddita Sexual*. Publicado em: 25 ago. 2011. Disponível em: <<http://luddismosexxual.blogspot.com.br/2011/08/manifesto-pornoterrorista-luddita.html>>. Acesso em: 30 out. 2010.

<sup>5</sup> TORRES, Diana J. *Pornoterrorismo*. Nafarroa: Txalaparta, 2011. Disponível em: <<https://pornoterrorismo.com/2014/10/11/pornoterrorismo-libre-por-la-red/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

<sup>6</sup> PRESENTACIÓN libro "Pornoterrorismo" 1ª parte. Youtube, 04 jun. 2013a. Vídeo online (20min11s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gQEh7GvF4gs>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

<sup>7</sup> O uso do “x” estabelece a não marcação de artigos feminino ou masculino. Sendo assim, entendo que a linguagem é política e não neutra.

<sup>8</sup> PRESENTACIÓN, 2013a.

<sup>9</sup> TORRES, 2011, p. 11.

<sup>10</sup> XPLASTIC, 2013.



para não defini-los como anarquistas – os praticantes do pornoterrorismo uniram formas diferentes de ações para falar de corpo e sexualidade. As performances quase sempre são em espaços públicos – praças, parques, museus, etc – e têm como objetivo o choque e a reflexão. É uma forma de penetrar nas entrelinhas do sistema, que submete os indivíduos a normas pré-estabelecidas de comportamento. Essas ações têm o poder de dialogar, de forma artística e simbólica, com transeuntes que, geralmente, nunca questionaram suas práticas sexuais: “Crime é saber que há mulheres que nunca gozaram. Nunca chegaram a um orgasmo e nem conhecem seu próprio corpo [...] quando nos masturbamos na rua, em uma ação, estamos dizendo: vocês podem praticar isso em casa. Podem se tocar.”<sup>11</sup>

As ações também são respostas a um sistema que oprime, regula, monitora e determina concepções através de discursos da heteronormatividade, legitimados pelo saber médico, eclesiástico e legal: “[...] o inimigo: as instituições médicas, que determinam quem é capaz; a Igreja e o Estado, são o centro do mal, as ferramentas do sistema.”<sup>12</sup> Para xs pornoterroristas, as vias legais de conquista são mecanismos de controle e poder do Estado em relação à nossos corpos e ações, por isso a escolha de “perfurá-lo” e ser um desviante, um terrorista “[...] não se discute com seu inimigo, nem se defende: simplesmente se ataca.”<sup>13</sup>

Após a tentativa – espero que infeliz – de definir as práticas pornoterroristas, penetremos agora em algumas das preocupações deste código e suas acusações, bastante pertinentes, ao sistema de divisão de gênero heterocispatriarcal/normativo/binário/branco/capitalista, descritos na obra de Diana Torres, relacionando com teóricos importantes da sexualidade, gênero e mulher, como Michel Foucault, Judith Butler, Thomas Laqueur e Susan Okin.

### Vamos às teorias...

O que mais me fascina nas ações pornoterroristas é a forma extravagante e questionadora de como são tratadas as sexualidades, tema este que é centro de recentes discussões e ganha um espaço cada vez maior na academia. Podemos destacar Michel Foucault como expoente desta discussão, com sua obra “*História da Sexualidade*”<sup>14</sup>, escrita em três volumes publicados. Foucault questiona as maneiras hegemônicas de pensar o sexo e a sexualidade, somando críticas e análises imprescindíveis para as ciências humanas. A questão central, para o autor, seria uma problemática de duas mãos: por que dizemos que somos

<sup>11</sup> PRESENTACIÓN, 2013a.

<sup>12</sup> OROZ, Elena. *Pornoterrorismo*. Mi Sexualidad es una Creación Artística. Publicado em: 07 fev. 2011. Disponível em: <[http://www.musicaexmachina.com/pdf/diana\\_pornoterroristaMEM.pdf](http://www.musicaexmachina.com/pdf/diana_pornoterroristaMEM.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2014.

<sup>13</sup> XPLASTIC, 2013.

<sup>14</sup> Aqui utilizarei o volume 1. FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.



reprimidos, se ao mesmo tempo em que proferimos esta dúvida estamos “falando de sexo”? “Considerando-se esses três últimos séculos [...] em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva.”<sup>15</sup> Para o autor, instituições de poder/saber identificam e controlam ações, levando em consideração que estes atos proferidos por nós também são introjeções multifacetadas do nosso sistema de pensamento. O saber médico científico do século XVIII e XIX, em um conjunto legitimador com outras instituições de poder da burguesia, estabeleceram suas verdades através do corpo, mais precisamente do através do sexo. Por meio dessa premissa, o autor afirma que passamos por um processo de ruptura da repressão, porém aumento do controle sobre o corpo e a vida:

A teoria da repressão, que pouco a pouco vai recobrando todo o dispositivo da sexualidade [...] tem aí seu ponto de origem [...] vai justificar sua extensão autoritária e coercitiva, colocando o princípio de que toda a sexualidade deve ser submetida à lei, ou melhor, que ela só é sexualidade por efeito da lei<sup>16</sup>.

Nesta afirmação, Foucault sinala algo que Butler, em seu livro “*Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade*”<sup>17</sup>, também iria debruçar-se: a ideia de que/quem controla as identidades nas quais se refere o sujeito. Suas normalizações são ditadas por um sistema político de *representação*. “[...] a representação é uma função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.”<sup>18</sup>

Dentre muitas convergências que aproximam o autor e a autora acima, podemos destacar uma centralizadora: o controle dos nossos corpos e sexualidades por instituições de poder. Dentro do pornoterrorismo faz-se esta mesma acusação à existência de instituições de poder que nos controlam e doutrina desde nosso nascimento: “o pornoterrorismo seria uma resposta às instituições que controlam nossos corpos e sexualidades.”<sup>19</sup> Para Butler, o sistema consegue de forma multifacetada capturar nossos desvios e torná-los padronizados, transformando essa captura nas categorias identitárias. Talvez seja por essa reflexão geniosa, que os pornoterroristas não levam como identificação imutável estas práticas, e sim como maneiras desviantes de agir no “aqui e no agora”.

Diana Torres levanta questionamentos fundamentais em seu livro para esta discussão: privado versus público; transfeminismo ou teoria queer; e a patologização de práticas sexuais. O pornoterrorismo, como ação, é geralmente exercido em espaços públicos, como já havia mencionado no início deste texto. Para seus agentes, a importância de sair de um dito “ambiente privado” abre espaço para esta discussão tão enraizada em nossa sociedade. Diana comenta: “se

<sup>15</sup> FOUCAULT, 1988, p. 23.

<sup>16</sup> FOUCAULT, 1988, p. 140.

<sup>17</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.

<sup>18</sup> BUTLER, 2013, p. 18.

<sup>19</sup> XPLASTIC, 2013.

tenho vontade de fazer coisas em meu corpo em espaços públicos, porque não fazê-lo?!<sup>20</sup> Para a autora, a dicotomia público versus privado é recitada a todo instante pelas formas de poder, naturalizando e invisibilizando a problemática de sua existência. Okin, em seu texto “Gênero, o público e o privado”, levanta a importância de colocarmos em evidência esta separação, pois concepções determinadas que envolvem os corpos e ações das mulheres por muito ficaram detidas na esfera privada<sup>21</sup>. Agressões físicas e psicológicas, divisão do trabalho e etc. Todas essas preocupações passaram “às escondidas” no decorrer da história moderna e agora estão sendo questionadas.

Nós não podemos entender as esferas ‘públicas’ – o estado do mundo do trabalho ou o mercado – sem levar em conta o fato de que são generificadas, o fato de que foram construídas sob a afirmação da superioridade e da dominação masculinas e de que elas pressupõem a responsabilidade feminina pela esfera doméstica<sup>22</sup>.

Okin analisa muito bem a separação histórica dessas esferas e o quanto esta desunião reforça a divisão de gênero binária da nossa sociedade. O lugar privado é um ambiente exclusivo e sem intervenções do Estado; já o público é o espaço que rege grandes ações políticas. Para que estas duas sejam questionadas, a melhor forma seria, como no caso das ações pornoterroristas, levar o sexo – estritamente ligado ao privado – para as ruas e vias públicas. O feminismo vem tentando romper com esta dicotomia, reivindicando cargos públicos, em sua maioria ocupados por homens. A retirada do silêncio que existe no espaço privado, onde muitas mulheres e crianças são vítimas incessantes de agressões e estupros. Destruir a permanência enrijecida destas esferas é a segurança de proferirmos sem hesitações “o pessoal é político”, como destaca Nicholson.

No livro de Diana, ela nos conta sua estranheza com o feminismo legalista e classista. Relata o choque ao ter a experiência, no dia 8 de março em Madri, onde mora, de uma marcha feminista onde as palavras de ordem eram “Nem puta, nem submissa”. Ao ouvir isto, Diana, que havia entrado há pouco na prostituição, surpreendeu-se: “Como no dia da mulher trabalhadora, a prostituta – que é a trabalhadora mais vulnerável – estas meninas vão ficar cantando isso? Elas não têm cérebro?”<sup>23</sup> Diana complementa: “O problema que vemos aí é entorno da sexualidade [...] existem crianças que fazem nossos tênis Nike e seus corpos são escravizados para um trabalho de 14h [...] a questão é que este corpo não é sexualizado.”<sup>24</sup>

<sup>20</sup> PRESENTACIÓN, 2013a.

<sup>21</sup> OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. In: *Estudos Feministas*, vol. 16, no. 2, pp. 305-332. Florianópolis: mai./ago. 2008.

<sup>22</sup> OKIN, 2008, p. 320.

<sup>23</sup> PRESENTACIÓN libro "Pornoterrorismo" 2ª parte. Youtube, 04 jun. 2013b. Vídeo online (20min), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eyvQkXT5uco>>. Acesso em: 02 nov. 2014.

<sup>24</sup> PRESENTACIÓN, 2013b.





Ao entrar em contato com o transfeminismo e a teoria *queer*, Diana animou-se em relação às vertentes feministas: “[...] o pornoterrorismo se inclui nele (transfeminismo), a luta trans e pelas putas.”<sup>25</sup> O transfeminismo, em vias de definições, aparece no campo teórico e político na segunda onda do feminismo. Se estabelece como contestação a hegemonia da categoria mulher, agindo de forma com que não só o marcador “mulher branca” entrasse em pauta, mas também questionando quem são as mulheres do feminismo e quais as suas diferenças. As pessoas trans, ou melhor dizendo, os transgêneros, partiram, por exemplo, da premissa *beauvoiriana* “não se nasce mulher, torna-se mulher”, para reivindicar seu lugar nesta luta tão heterogênea.

Para Butler, a teoria *queer* e o transfeminismo são formas de questionar as estruturas biológicas que nos definem e o quanto elas são construções de um sistema de pensamentos regido pelas ciências naturais. Para a autora – que problematiza categorias de gênero e sexo – o feminismo, ao pertencer somente à categoria “mulher” e se identificar essencialmente com ela, exclui o questionamento de se pensar “o que é mulher e porque somos mulheres? Quem nos define como mulheres? Somente a biologia ou todo um sistema de normas de gênero?” Laqueur nos alerta para a instabilidade histórica da divisão de sexo: “[...] em termos mais objetivos, não há qualquer conhecimento específico da diferença sexual em termos históricos a partir de fatos indiscutíveis sobre os corpos.”<sup>26</sup> Tudo parte de uma importância simbólica dada a uma parte do nosso corpo em determinado período histórico, como já havia mencionado em Foucault. Segundo Laqueur, a definição de gêneros no século XVII dava estabilidade aos indivíduos na sociedade. Sujeitos sociais não eram enquadrados na dicotomia homem versus mulher por causa da genitália que portavam, mas pela socialização do gênero que desejavam obter e representar, como expõe Laqueur: “O gênero – homem e mulher – era muito importante e fazia parte da ordem das coisas; o sexo era convencional, embora a terminologia moderna torne essa recordação sem sentido.”<sup>27</sup>

Butler retira da noção de gênero a ideia de que ele decorreria do sexo e discute em que medida essa distinção sexo/gênero é arbitrária. É o que me parece quando a autora quer indicar afirmando: “Talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revele-se absolutamente nenhuma.”<sup>28</sup> Butler também afirma que não existe uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero, e que a identidade é *performativamente construída*. Pensa o gênero como performance, ações cotidianas que pode se dar em qualquer corpo, portanto, desconectada da ideia de que cada corpo corresponderia somente a um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície

<sup>25</sup> TORRES, Diana J. *Pornoterrorismo*: “Aterrorizar al enemigo, mover la carne.” Publicado em: 29 mai. 2012. Disponível em: <<https://www.diagonalperiodico.net/cuerpo/pornoterrorismo-aterorizar-al-enemigo-mover-la-carne.html-0>>. Acesso em: 30 out. 2014.

<sup>26</sup> LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 14.

<sup>27</sup> LAQUEUR, 2001, p. 19.

<sup>28</sup> BUTLER, 2013, p. 25.

politicamente regulada”. Como destaca Butler: “[...] o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero.”<sup>29</sup>

Assim como discursa Butler sobre gênero, o pornoterrorismo analisa este assunto de forma semelhante. Para seus e suas praticantes, o “eu” terrorista está aberto a jogar com os gêneros de forma que estes aspectos não possam ser controlados por normas estruturais: “postulamos que toda identidade é uma performance, uma cópia sem original, uma prática de desconstruir as máquinas de fabricação dos gêneros.”<sup>30</sup> A construção histórica e social que nos determina como homens ou mulheres acusa como “doentes” ou “perturbados” quem não segue a risca suas determinações binárias.

Outra questão fundamental analisada no livro Pornoterrorismo são as práticas ditas “doenças patológicas.” No capítulo nomeado Patologias Terroristas: SM, Exibicionismo, Disforia de Gênero, a autora estuda três “distúrbios mentais” que estariam no Manual: Práticas Sadomasoquistas, Exibicionismo e Distúrbio de Gênero. Diana revela que em 1996 a prática sadomasoquista saiu do manual de doenças mentais. O grande mercado que se expandiu em cima do fetiche dessa prática, segundo Diana, proporcionou mudanças de percepções em relação à “doença”. “[...] é muito lucrativo para o mercado pornográfico.”<sup>31</sup> O exibicionismo e o distúrbio de gênero ainda são, segundo o saber médico, doenças de cunho mental. Para xs pornoterroristas, a lógica colocada nessa “verdade” é, em essência, infeliz, pois estas práticas ocorreriam sem nenhum problema se não saíssem da esfera privada. “Pessoas podem andar peladas em casa e inclusive usar roupas de ‘outro gênero’ e não serem questionadas. Veremos quando saírem de casa! (risos)”<sup>32</sup>

As ações de cunho terroristas almejam infringir as leis e as normas e, principalmente, quebrar com a dicotomia que nos mantém presas e presos, o público e o privado. Destruir cotidianamente as falsas bases da divisão de gênero, o pedestal de Deus: o homem e a mulher.

### **Seja pornoterrorista, “toque no seu corpo e goze até o fim”<sup>33</sup>**

Revendo minhas ações como militante, mulher, cis, feminista, anarquista, branca e sapatão, compreendi que todos e todas nós podemos ser pornoterroristas. Inicia-se de uma ação, por menor, mais interna ou externa que seja. Podemos agir contra o sistema de normas e

<sup>29</sup> BUTLER, 2013, p. 200.

<sup>30</sup> TORRES, 2012.

<sup>31</sup> PRESENTACIÓN, 2013b.

<sup>32</sup> PRESENTACIÓN, 2013b.

<sup>33</sup> Letra da música “Feminista”, da banda Putinhas Aborteiras. PUTINHAS Aborteiras. *Feminista*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/putinhas-aborteiras/feminista/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.



condutas que nos formatou/formata ao decorrer da nossa vida. Imagino que se queremos ser subversivas e subversivos, desviantes, terroristas e tudo que há de mais perigoso, não podemos cair na areia movediça das identidades.

Representar-se como determinada categoria não significa viver com ela como manual de vida. Usa-se dela quando for necessário e a descartamos quando for apetitoso. Identifico-me como pornoterrorista e *estou sendo* pornoterrorista quando me masturbar em praça pública, mas também *estou sendo* milhares de definições indefinidas que me compõem. Deixo aqui, nas entrelinhas deste texto acadêmico, formas de bombardear o mundo com novos conhecimentos (milhares deles), vivências, estratégias e submundos onde existe raiva e amor, e não somente referenciados autores falando sobre abstrações inabstratas – um pequeno manual pornoterrorista. Lembre-se: não o trate como verdade absoluta, apenas o use quando for conveniente. Pois quando este manual for norma, o rasgaremos e criaremos outras formas de resistência.

### Manifesto Pornoterrorista<sup>34</sup>

O ritual Pornoterrorista consta de alguns dos seguintes componentes verbais e somáticos:

- Poemas ou palavras – encantamentos de alguma índole com caráter sexual, ou que incitem à ação direta.
- Imagens projetadas: de gênero, ou aquelas produções que esta civilização decadente e horripilante mostra em seus noticiários, verdades pornográficas do Império anarcogore. Se forem baixadas da internet e de péssima qualidade, melhor.
- Músicas de alguma índole que permitam chegar ao transe. Original ou não, preferencialmente feita por máquinas eletrônicas.
- Ruptura das fronteiras entre artista e figuras presentes que se atrevam a penetrar, intervir, adicionar sobre o corpo da performance. Elementos de jogos extremos do BDSM, como flagelação, agulhas ou asfixias.
- Pele descoberta na superfície do corpo, cara coberta pela “passa-montanhas” (capucha) – típico do insurrecionismo anarquista – ou com o paninho “a la bandido de Faroeste”. Ou qualquer máscara que tenhamos à mão.
- Maquiagem ao estilo Pris em Blade Runner ou Coringa, no Batman.
- Fluídos e escatologias de toda índole: squirt, fluxos, sêmen, sangue humano, sobretudo menstrual, merda.
- Próteses como pescoços ou quadris ortopédicos, dildos e arneses.
- Brincar com todos esses objetos de forma mais absurda que lhes pareça.

<sup>34</sup> LUDDITAS, 2011.



## Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LUDDITAS Sexuais. *Manifiesto PornoTerrorista Luddita Sexual*. Publicado em: 25 ago. 2011. Disponível em: <<http://luddismosexxxual.blogspot.com.br/2011/08/manifiesto-pornoterrorista-luddita.html>>. Acesso em: 30 out. 2010.
- PRESENTACIÓN libro "Pornoterrorismo" 1ª parte. Youtube, 04 jun. 2013a. Vídeo online (20min11s), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gQEh7GvF4gs>>. Acesso em: 02 nov. 2014.
- PRESENTACIÓN libro "Pornoterrorismo" 2ª parte. Youtube, 04 jun. 2013b. Vídeo online (20min), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eyvQkXT5uco>>. Acesso em: 02 nov. 2014.
- PUTINHAS Aborteiras. *Feminista*. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/putinhas-aborteiras/feminista/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.
- NUNES, Borba Hariagi. "O Corpo Histórico: meu dildo goza terrorismo." Pós-Pornografia e Pornoterrorismo na Contemporaneidade – uma analítica de ruptura. [Monografia apresentada para o curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149539/001005672.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. In: *Estudos Feministas*, vol. 16, no. 2, pp. 305-332. Florianópolis: mai./ago. 2008.
- OROZ, Elena. *Pornoterrorismo*. Mi Sexualidad es una Creación Artística. Publicado em: 07 fev. 2011. Disponível em: <[http://www.musicaexmachina.com/pdf/diana\\_pornoterroristaMEM.pdf](http://www.musicaexmachina.com/pdf/diana_pornoterroristaMEM.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2014.
- TORRES, Diana J. *Pornoterrorismo*. Nafarroa: Txalaparta, 2011. Disponível em: <<https://pornoterrorismo.com/2014/10/11/pornoterrorismo-libre-por-la-red/>>. Acesso em: 16 jul. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Pornoterrorismo: "Aterrorizar al enemigo, mover la carne."* Publicado em: 29 mai. 2012. Disponível em: <<https://www.diagonalperiodico.net/cuerpo/pornoterrorismo-aterorizar-al-enemigo-mover-la-carne.html-0>>. Acesso em: 30 out. 2014.
- XPLASTIC. *Diana J. Torres*. Publicado em: 05 out. 2013. Disponível em: <<http://xplastic.xpg.uol.com.br/diana-j-torres/>>. Acesso em: 30 out. 2014.